

## **Conhecendo a Lama: a cultura da noite na Baixada Fluminense<sup>12</sup>**

Natália de Andrade ROCHA<sup>3</sup>

Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ, Rio de Janeiro, RJ

### **RESUMO**

A Baixada Fluminense abriga 1/3 dos moradores do Estado do Rio de Janeiro, mas é conhecida como uma região periférica, cidade-dormitório. Por muito tempo, a região carregou o estigma de ser um território violento e carente. E, embora a partir dos anos 90, sua imagem tenha sido remodelada para ganhar o status de consumidora, não foi possível desconstruir as marcas deste estigma. Mas a Baixada é muito mais, é local de celebração, de festa, de encontros e desencontros cotidianos que ajudam a construir o território. Por isso, este artigo tem como objetivo relatar a experiência de visitas realizadas na Rua da Lama, em Nova Iguaçu, Baixada Fluminense! Alguns afirmam ser a Lapa da Baixada, outros afirmam estar muito aquém de uma Lapa. À Baixada violenta e carente, acrescenta-se a Baixada que também é mistura de gostos, costumes, cores e sons.

**PALAVRAS-CHAVE:** Baixada Fluminense; Rua da Lama; Cultura; Comunicação; Territorialidade

### **INTRODUÇÃO**

Não nos espantemos de que o voo incerto dos vaga-lumes, à noite, faça suspeitar de algo como uma reunião de espectros em miniatura, seres bizarros com mais, ou menos, boas intenções.

*Didi-Huberman*

Pensemos na noite enquanto símbolo. A noite enquanto imaginário é povoada de seres não vivos como mortos, zumbis, monstros. É o momento da fuga, dos amantes, da vadiagem, dos assaltos e assassinatos. Em nossa cultura, escuridão esconde os desvios e suscita os medos. Ainda que seja de amplo conhecimento a agitação das noites na

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Autorizo a avaliação e possível seleção deste artigo para publicação no e-book a ser organizado pelo GP Comunicação e Culturas Urbanas.

<sup>3</sup> Doutora em Comunicação pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro, e-mail: [natyndrade@hotmail.com](mailto:natyndrade@hotmail.com)

---

grande metrópole, o medo e a insegurança provocados pela sensação do escuro persistem. Do mesmo modo, também a rua enquanto símbolo suscita a desconfiança e o medo, porque é espaço público, espaço estranho, espaço do caos. A rua a noite é o espaço da prostituição, das drogas, dos crimes.

A desconfiança maior resiste no trajeto, nas passagens entre territórios que feito uma casa nos protegem contra o caos por serem um espaço construído, organizado em cujas qualidades me reconheço e reconheço o outro. Para Obici (2008) podemos criar território a partir do sonoro, não só através da música, mas pela delimitação de um espaço de consumo, uma vez que o território é criado. De outro modo, La Rocca (2015) afirma que a ambiência é o resultado do entrelaçamento do corpo com o espaço, o que exige uma cartografia social para uma melhor compreensão de seus significados.

Em meio à noite na Baixada Fluminense<sup>4</sup>, lugar cujo imaginário criado pela literatura e pela mídia está repleto de cenas de violência, um “ponto de luz”, dos muitos que existem, mostra uma vida noturna repleta de energia e alegria. Estes “pontos de luz”, como vaga-lumes na noite, reconfiguram o território, construindo um ambiente com múltiplos sons, cores e gestos numa região considerada cidade-dormitório e sem vida, ou com uma vida marginalizada e cheia de carências. Esse “ponto de luz” é a Rua da Lama, talvez nem seja mais hoje o mais procurado, mas é o que há mais tempo resiste transformando o medo da noite em prazer.

## **A RUA DA LAMA**

Em Nova Iguaçu, o segundo município mais populoso da Baixada Fluminense (IBGE, 2010), com aproximadamente oitocentos mil moradores, encontramos a Rua da Lama, que funciona como ponto de encontro noturno de diversas tribos, gostos e estilos. Chamada por alguns de “Lapa da Baixada”, o “Polo Gastronômico Alto Iguaçu” popularmente conhecido como “Rua da Lama”, reúne bares, casas de show e restaurantes, apresentando uma variedade de sons e estilos que atraem moradores de todas as regiões da Baixada Fluminense. Em torno da música e da comida, é possível

---

<sup>4</sup> De acordo com a CEPERJ - Fundação Centro Estadual de Estatísticas, Pesquisas e Formação de Servidores Públicos do Rio de Janeiro, sob o enfoque político-institucional a Região da Baixada Fluminense é composta pelos municípios de Belford Roxo, Duque de Caxias, Guapimirim, Itaguaí, Japeri, Magé, Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu, Paracambi, Queimados, São João de Meriti e Seropédica

---

observar os corpos que se agregam e distanciam neste espaço de celebração, de fuga da rotina de trabalho, de confirmação da pertença, de negociação das identidades, de composição da cultura.

Talvez um “alto lugar”, um lugar de intensa socialidade conforme indica Maffesoli (2005), de gozo coletivo, do prazer de “estar junto com”, de compartilhar algo e ter um sentimento de pertença, mesmo que seja apenas por algumas horas na madrugada (horário dos amantes, de fugir às regras, de liberdade.... E depois voltar a vida séria, até o próximo encontro com o território do prazer. A esse comum cabe realizar uma análise densa que vise entender como acontece o agregar daquelas pessoas, quem participa e como participa, pois no local também há divisões: cada bar um ritmo, uma arquitetura, um design, uma comida...mas todos ali.

A lama é mais que uma referência geográfica, até porque não há registro oficial de uma “Rua da Lama”, a lama é uma referência simbólica, que traduz o imaginário da noite, cujo elemento mais sórdido está sempre implicado no “outro”. Lama é o apelido da Luís Sobral, perpendicular à Rua Cel. Francisco Soares, situada no bairro Califórnia, em Nova Iguaçu, próximo à Via Dutra. Só há uma linha de ônibus que passa no lugar, cujo nome remete ao início da história de Nova Iguaçu - Jacutinga - a tribo exterminada por portugueses no século XIV. Para quem se aventura a andar do Centro de Nova Iguaçu para o famoso *point* passa por muitas ruas desertas, escuras e silenciosas. Ao longo do caminho, os vários bares com suas luzes, dão a sensação de segurança para chegar até o “miolo” da Lama, um centro com cinco pontos de chegada. Aos poucos, e a maioria depois de onze horas da noite, dos vários pontos vai chegando gente a pé, de van, moto, táxi e carro. As mesas dividem espaço com veículos que ficam sob a proteção de guardadores do local.

Logo na chegada, avista-se os cinco maiores bares: “Fractal Music Beer”, “Churrasquinho do Jorge”, “Buteco do Portuga”, “Pão & Pizza Matriz” e “Rei da Picanha”. Além destes bares que ficam no centro, é possível avistar nas ruas laterais bares menores como o “Bar do Gilvan” e o “Billa’s Bar”, com mesa de bilhar, videogame, som e gente animada. Ao dos bares também há carrocinhas que vendem lanches e duas casas de show: o “Arubar Music Lounge” e a “Open Bar Site Club”, uma boate LGBT. Após a meia noite, no centro do local não é possível distinguir os diversos estilos

---

musicais que saem dos diversos bares que compõem o território, houve-se uma infinidade de sons misturados: pagode, funk, MPB, forró, vozes, motores e buzinas. Em cada ambiente possível neste território observa-se que o conjunto da configuração física, os sons, os tipos de consumo, pessoas e comportamento qualificam o lugar e o distinguem. A observação dos corpos, suas gestualidades, deslocamentos e disposição no espaço, sugerem serem fatores imprescindíveis à pesquisa, a fim de entender os significados que agenciam e atribuem ao território.

### **RELATOS DE UM ENCONTRO NA LAMA<sup>5</sup>**

Dentre os rituais que marcam a festa de Ano Novo estão as promessas de mudanças para o ano vindouro, ser feliz é uma destas metas que figuram no *top of mind* dos desejos. Como de praxe, em nosso país, se a passagem de ano aconteceu numa quinta-feira, a festa emenda final de semana nos quintais das casas, nas casas de festas e nas ruas. Na Rua da Lama não foi diferente, apesar do conhecimento de que os moradores da Baixada sempre viajam no Ano Novo para o litoral e da chuva forte que impediria o tomar da rua pelas mesas dos bares decidi arriscar, mas logo descobri que os festeiros não chegam antes da meia-noite...

Da primeira vez, vi muitas famílias nas mesas consumindo e conversando...desta vez foi diferente, talvez a chuva (ou as viagens) tenham espantados as famílias com crianças que frequentam o local antes da meia-noite, daí só restaram os *baladeiros*. Logo na chegada, uma profusão de sons...distingui um sertanejo, pagode e funk, eram o que estavam mais alto...Fomos praticamente arrastados a entrar numa casa de show, a “Arubar Music Lounge”, cujo garçom que estava na rua desesperado atrás de pessoas para entrar na casa garantiu serem damas liberadas (não precisaríamos pagar) com direito a drinques de graça.

Ao passar pelo ritual da revista, subimos uma escada larga com dois seguranças no topo, e lá estava a pista...vazia...para nossa decepção...não há diversão sem gente. O jeito era apelar para a bebida, um balde de cerveja, a bebida favorita dos considerados pobres...o *DJ* gritava como se o espaço estivesse lotado...luzes, fumaça, mas nenhuma animação...somente alguns jovens em casais nas mesas dos cantos perto da sacada,

---

<sup>5</sup> São relatos de duas incursões realizadas no ano de 2016, na qual a pesquisadora realizou um primeiro mapeamento do espaço: seus “fixos e fluxos” (Santos, 2006), na constituição do território.

---

conversando e olhando a movimentação da rua, aliás bem animada com pessoas dançando e namorando na calçada.

As mesas eram redondas com tampo de madeira, e estavam dispostas em torno da escada e a pista em frente a um palco onde ficava o DJ e seu equipamento. O chão estava molhado por causa da chuva, a casa tinha um tom verde, de modo que a minha primeira sensação foi a de estar em um lugar sujo. Mas logo que se começa a curtir o som e as pessoas que estão em volta àquela sensação esquisita, de vontade de assepsia passa. A assepsia não permitiria o uso do corpo na dança e na pegação que pude notar naquela noite. As pessoas reboavam até o chão, se tocavam, se beijavam...Na casa de show o único som que rolava era o funk, mas dava pra ouvir de longe o pagode que tocava do outro lado da rua, no “Pão & Pizza”, o *point* do pagode.

Da sacada dava pra ver o *point* do pagode, o “Pão & Pizza Matriz”, lotado...pessoas dançando cantando...enquanto isso já havia passado da meia noite e meia e os jovens começavam a subir as escadas da casa de show. Meninas com suas saias e vestidos curtos e meninos de jeans e malha. Iam tomando lugar junto às mesas e para minha surpresa timidamente dançavam no lugar. Ainda assim, o local do outro lado da rua parecia mais atrativo, faltava terminar o balde de cerveja e partir pra lá... Percebe-se logo que na Rua da Lama migrar de um lugar para o outro é prática comum.

No “Pão & Pizza Matriz”, um lugar igualmente escuro e molhado, coberto por lonas<sup>6</sup>, havia um palco no qual tocava um animado grupo de pagode, as vezes revezando com o *funk* no aparelho de som. Não se notava muita conversa, o som estava alto e as pessoas se jogavam na dança, algumas de fora mais tímidas, outras como se estivessem em um palco só delas...Notavam-se ali pessoas de idades variadas, diferentemente da casa de show na qual só entravam jovens. Jeans e malha prevaleciam na vestimenta, e as mesas estavam lotadas de bebida, muita cerveja nos baldes, mas não havia comida. Comida havia nas mesas do “Churrasquinho do Jorge” e do “Buteco do Portuga” nos quais não há música.

No cenário descrito, não estamos diante de atores coletivos que intervêm na urbe através do cinema, do teatro, da pintura... mas de bares comerciais, que dividem o espaço com os que vendem seus artesanatos, com os grupos e cantores que divulgam

---

<sup>6</sup> O local foi recentemente reformado.

---

seu trabalho e com a performance dos corpos em suas danças. Conforme assinala Fernandes (2012) “as corporeidades dos sujeitos (indivíduos e espaços urbanos) em interação produzem sentidos que fragmentam os discursos hegemônicos e programáticos tradicionalmente reproduzidos sobre o território urbano”. Se há a presença da lógica comercial, há também o encontro dos corpos naquele local que é capaz de transformá-lo numa nova territorialidade, ainda que temporária, pois se reinscreve a cada noite. São “territorialidades sônico-musicais” (HERSCHMANN e FERNANDES, 2012) que transformam um lugar “morto” durante o dia, perto de uma via expressa (a Via Dutra), em um lugar de “musicabilidade”.

No geral, o que se vê é tudo muito comum, banal, mas um comum banal partilhado que tem sentido, que reúne, que confere identificidade, que constrói imaginário. As músicas com temas recorrentes de amor, sexo e traição e a sensualidade das danças indicam a proeminência do sentir, do afeto, da paixão... o aspecto dionisíaco da festa (MAFFESOLI, 2005). Uma sociedade precisa desse prazer orgiástico do lazer para manter-se viva, ele faz parte de sua estruturação, pois:

[...] uma cidade, um povo, um grupo mais ou menos restrito de indivíduos que não consegue expressar coletivamente sua imoderação, sua demência, seu imaginário, se desestrutura rapidamente [...] é necessário para que uma sociedade se reconheça enquanto tal, que ela possa pôr em jogo a desordem das paixões. (MAFFESOLI, 2005, p.19)

Como pensador das relações na pós-modernidade, Maffesoli, recoloca o trágico, as paixões, o afeto, o corpo no debate. Uma vez que o princípio de ordenação moderno não deu conta do dinamismo das relações.

O território da Baixada Fluminense é mais do que a imagem que lhe querem atribuir. Se o que prevalece no imaginário coletivo é a Baixada da violência, observando de perto, vemos um lugar repleto de territorialidades que se interpõe e de pessoas reconstruem sua identidade a cada dia nas suas relações banais. Se hoje a Baixada, por concentrar boa parte da tão aclamada “nova classe média” tem atraído investimentos (ROCHA, 2013), estes investimentos devem dialogar com um povo que tem orgulho de ser o que é, mas que também se reconstrói a cada dia. Não apenas na resistência política de movimentos diversos, mas também nos churrascos que tomam as ruas e nas praças e bares sempre lotados. Um povo que vai pra Lapa, pra Barra, pra Zona Sul, mas tem

---

prazer de ir festejar na Rua da Lama e demonstra o valor da socialidade, da ligação desinteressada que os fazem se sentir vivos.

E é essa a sensação que nos invade nestes festejos banais, nos quais apenas nos colocamos no mesmo espaço para junto com o outro celebrar a própria experiência de estar vivo: sentir-se vivo. O pesquisador também faz parte deste “estar com” porque só assim pode compreender com o corpo, com a razão sensível, as identificações compartilhadas no espaço. Se há um sentido pra vida, ele manifesta-se no ordinário, no comum, no banal, nos compartilhamentos sensíveis que geram as familiaridades fundamentais de um grupo. Alguns grupos duram apenas uma noite, mas uma noite é suficiente pra modificar os sentidos, para construir novos significados para a tarefa cotidiana de viver. Por isso, Maffesoli (1998) nos convida a olhar o comum, não o exótico, mas o ordinário. E assim inspira a buscar no comum as explicações que tanto nos inquietam, como o que nos faz querer estar com o “outro”. Esse “outro” que desperta desconfiança, mas também que nos define.

De minha parte, acredito que seja exatamente isso que convém pôr em questão. De um modo fenomenológico ou compreensivo, talvez se deva considerar o senso comum não como um momento a ultrapassar, não como um “pré-texto” que prefigura o texto verdadeiro que pode ser escrito sobre o social, mas como algo que tem sua validade em si, como uma maneira de ser e de pensar que basta a si própria e que não carece, quanto a isso, de nenhum mundo preconcebido, fosse qual fosse, que lhe desse sentido e respeitabilidade. (MAFFESOLI, 1998, p. 170)

Sobre esse mundo comum, o autor destaca que suas principais expressões a “intuição” e a “metáfora” que “tocam no coração das coisas”. Traçar novos mapas, mapas sensíveis que olhem para lugares como a Rua da Lama como um lugar digno de ter suas histórias registradas exige teorias que não engessam a realidade e considerem as transitoriedades de nosso tempo. Entender que o *comum* partilhado só pode ser compreendido com um olhar generoso e desprovido de pré-conceitos. Só assim pra deixar de lado as críticas ao “outro” que não quer se enquadrar na lógica das identidades dadas, para entender o consumo da cerveja, do *funk*, do pagode, do churrasquinho... para entender o sentido do local, da dança, das andanças, do barulho. Enfim, para entender a importância da festa e como fazer para entrar nela. Conforme li em um blog: “(...) Não se samba porque a vida é mole. Se samba porque a vida é dura. O sentido das



---

celebrações, ao menos para mim, é esse. Festa e fresta são quase a mesma coisa e não concebo uma sem a outra.”<sup>7</sup>

### MAIS UMA VEZ NA LAMA

Era a terceira vez que eu estava na Rua da Lama, pela primeira vez levando comigo alguém para conhecer o lugar. Antes de chegar, um pequeno trajeto a pé do Centro de Nova Iguaçu até o local onde “acontece tudo o que não presta” (conforme nos alertaram mais tarde os próprios frequentadores do lugar). Neste trajeto, diferente do primeiro que fiz há um ano, “pontos de luz”, alguns pequenos bares que reuniam pessoas com música e bebida se mesclavam com ruas escuras e desertas. Nesta deriva, na qual literalmente nos perdemos, ouvimos pessoas prestar-nos a informação de que estávamos em um local perigoso, pouco aconselhável para se transitar a noite.

A sensação de medo, gerada pelo território vazio e escuro passava quando nos aproximávamos destes “pontos de luz”, habitados, vivos, contudo logo adentrávamos de novo no escuro. Perto do local ouvimos três advertências, pois para chegar à Lama deveríamos passar por um estacionamento de caminhões e adentrar em uma das ruas laterais, e a primeira rua não era a melhor opção. Melhor seria andar mais e adentrar na segunda rua. Novamente a sensação de medo, mas entrando na segunda rua finalmente as luzes e o som. Não lembro bem se era pagode, funk, forró ou uma mistura dos três como é costume no lugar, mas lembro-me bem da sensação de alívio por estar em um “território sonoro”, cujas cores, odores e sons que o qualificam, delimitam e o fazem reconhecível conferem a sensação de segurança requerida.

Antes de comunicar, de ser musical, de agradecer ou de informar, o som produz *meios*. São esses *meios* produzidos por todo tipo de parafernália sônica maquina que estão atravessando e constituindo *territórios sonoros*. De repente, dorme-se no ônibus, no metrô, porque a sonoridade do motor, a situação de seu corpo no banco lhe sonificam, criam um estado de afeto, uma assinatura que lhe proporciona algo, dormir. Não só isso, um pensamento, a transição de um afeto, um estado que se constitui. (OBICI, 2008, p.75)

---

<sup>7</sup> Frase de Luis Antônio Simas, citado por Karina Kuschnir. Disponível em: <https://karinakuschnir.wordpress.com/2015/12/31/passos-suaves-minusculas-promessas/>



---

Entramos por uma das ruas laterais do complexo de bares que ficam ao centro da Rua da Lama, no fim da rua uma praça vazia e ao longo vários bares, menores do que os que situam no meio do território. Esses barezinhos são aqueles nos quais, conforme nos informou um gentil garçom que procurava atrair pessoas para seu bar praticamente vazio, as pessoas adentram após saírem dos “grandes”. Esta é a rua, conforme indiquei e minha primeira incursão (ROCHA; FERNANDES, 2015), na qual se situa o Site Club, uma boate GLS. Assim que chegamos uma cena inusitada, ao menos para a minha visitante que afirma nunca ter presenciado tal situação. Um travesti enorme é cumprimentado por um rapaz que passa de carro, pede uma carona e entra no veículo. Através da reação da minha desavisada acompanhante logo entendi que ela levaria a sério a frase repetida por vários frequentadores que “ali tudo acontece”.

Aliás, tais afirmações como tantas outras que ouvimos naquela noite parecem revelar bem o quanto o território que une também estabelece distâncias. Obici (2008), apoiado na definição de território de Deleuze e Guatarri em “Mil Platôs”, discorre que o território sonoro opera tanto a função de propriedade quanto a de qualidade. Ou seja, estabelece espaços de distanciamento, criando “muros sônicos” ou criando modos de escuta e expressividade. Não eram incomuns frases do tipo “aquele bar é o dos playboyzinhos”, “aquele espaço é o mais social”, “este lugar é para a família”, “ali só tem o que não presta”, “aquele lugar é o dos mais favelados”, “ali é onde ficam os mais jovens querendo namorar”, “os bares ali são do povo sem dinheiro”. De fato, em minhas primeiras incursões eu já havia observado que havia uma separação entre públicos pelo estilo do ambiente e da música tocada, ou a falta dela.

Em cada ambiente possível neste território observa-se que o conjunto da configuração física, os sons, os tipos de consumo, pessoas e comportamento qualificam o lugar e o distinguem. A observação dos corpos, suas gestualidades, deslocamentos e disposição no espaço, sugerem serem fatores imprescindíveis à pesquisa, a fim de entender os significados que agenciam e atribuem ao território. Conforme indica La Rocca (2015) a relação entre corpo e espaço na cidade produza a ambiência que definem e formam o imaginário sobre o lugar. As influências são bilaterais e reciprocas, tanto o local influencia e molda a maneira como o corpo se manifesta, quanto o corpo em sua estética e gestualidade caracteriza o local.

---

A moda vestuária é o resultado de um vasto simbolismo de pertença e de particularização dos espaços, uma forma de apego ao lugar de referência, como os gestos e a postura corporal são os componentes simbólicos criados pela atitude de estar em um determinado lugar e produzir uma tal ambiência. (LA ROCCA, 2015, p.177)

Nos lugares destacados qualitativamente como “da família”, “mais social”, “dos playboys” encontram-se os bares que não tocam música como o “Churrasquinho do Jorge” e o “Buteco do Portuga”, nos quais observamos famílias, casais e grupos de amigos sentados em torno da mesa, comendo, bebendo e conversando. O “Buteco” foi o bar apontado como o dos “playboyzinhos”. Neste bar conversamos com um grupo de jovens que afirmaram não ser a Rua da Lama sua primeira opção de lazer, embora também não soubessem direito informar outras opções. Mencionaram outro complexo de bares em Nova Iguaçu, com “pessoas mais sociais”.

O “Fractal Music Beer”, que fica acima do nível da rua assim como o “Buteco”, também é apontado como um “bom lugar para se ficar”. Um taxista do local informou que quando frequenta a rua para lazer sempre vai ao “Fractal” por poder ouvir uma “boa música” (MPB ao vivo, às vezes um forrozinho), em um ambiente “mais social” e menos “bagunçado”. Não entramos neste estabelecimento para conversar, por ser um lugar que não permite muita mobilidade. Estávamos andando de um lado para o outro conversando. Mas foi possível observar as pessoas sentadas, conversando, comendo e bebendo e perto dos artistas algumas pessoas dançando, mas com movimentos contidos.

Não há como não reparar que a palavra “mais social” se repete nas colocações sempre contrapondo ao lugar “da perdição”, “da bagunça”, “onde tudo acontece”, “que não presta”, “dos favelados”. É a organização, a limpeza, a iluminação, a falta de música ou música considerada de “boa qualidade”, a contenção dos corpos, as roupas mais formais, que caracterizam os ambientes “mais sociais”. Enquanto os lugares mais escuros, sem organização das mesas, onde há mistura de corpos seminus, que se deixam levar pelo movimento ao som predominantemente de funk e pagode são os lugares dos “não sociais”.

Conforme afirma Siqueira (2015, p. 25) “o corpo é mediador ente o sentir subjetivo e o grupo social” e a expressão deste sentir se adequa ao outro e ao lugar tanto quanto os transforma. O corpo protagoniza a ação, mais contido dando ênfase ao

---

cognitivo, às conversas e a “apreciação” da música ou liberado dando ênfase ao sensível. Não que os aspectos cognitivos e sensíveis estejam separados, pois como indica Fernandes (2015) o corpo não é mais visto como mero “depositário do espírito”. Mas no “plano de expressão” deste corpo aparecem os sinais escolhidos para produzir os efeitos desejados em quem recebe a mensagem. Ouvir a música com o corpo ou com os ouvidos é uma escolha que comunica, que cria laços e distinções. Embora tenha outros fatores que contribuam para o entendimento, com relação ao corpo, “ser mais social”, conforme muitos disseram, é estar contido no espaço (resultado do processo civilizador).

Corpo é comunicação: comunicação portadora de uma ideia de estrutura tempo-espacial e de um volume, o qual ocupa e se desloca intercambiando sentidos com a cidade, por vezes reconfigurando-a, redesenhando-a, requalificando-a. (FERNANDES, 2015, p.193)

Esses é um dos motivos da produção de várias ambiências na mesma região. Som e corpo misturam-se a todo aparato físico e constroem o território. Talvez por isso a Rua da Lama seja reafirmada como um lugar democrático, para todos os bolsos e gostos. Mas de um modo geral, ainda que observando e ouvindo sobre os distanciamentos, ela também é vista como o “quintal de casa”, no sentido de que, estando ali, seus frequentadores estão à vontade.

Assim que chegamos ao local percebi que havia sido inaugurado um novo bar na rua lateral “Ki Sabor”<sup>8</sup>. Um bar pequeno, um palco, e mesas nas ruas. De início começamos a conversar com uma família muito simpática, moravam perto da Rua da Lama e disseram estar sempre ali com a família. A mulher, frequentadora antiga, me contou que eles haviam ido ao shopping em Nova Iguaçu de tarde e presenciaram seguranças barrando jovens que haviam marcado um “rolézinho”. Daí engajamos numa conversa sobre discriminação a partir da roupa, do comportamento e da cor da pele. Ela comentava que se sentia bem por estar ali, naquele bar em que só tinha amigos, sentia-se acolhida, diferente de estar em um lugar no qual é preciso “fazer pose” para não atrair olhares negativos e reprovadores.

Ali naquele lugar ela era identificada como uma igual, poderia beber, fumar, dançar, falar alto, falar do seu dia-a-dia. Ainda que entendamos que nunca cessamos de representar, naquela representação seus gestos eram mais livres, não tinha que “fazer

---

<sup>8</sup> O bar fechou em 2018

---

pose”, não tinha que se esforçar tanto para conter as emoções. Podemos conjecturar que por ser moradora da região já conhecia e havia naturalizado os códigos corporais que ali apareciam. Conforme expõe La Rocca (2015), as expressões cotidianas são materialização do ritmo estabelecido pela “apropriação coletiva” dos lugares através dos diversos estilos de vida. A rua é o palco onde encenamos a vida.

Neste momento retomamos a discussão sobre o imaginário da Baixada Fluminense, visto como um lugar abandonado, relegado à violência, à carência e ao caos. Este território também é também um palco onde se encena a vida em sua complexidade e interconexões. Onde o imaginário do medo existe, mas também o da solidariedade e do calor humano. Onde de fato a violência existe, mas também existe a festa e a busca do prazer num lugar “onde tudo acontece”, onde há “tudo o que não presta”. E este “tudo o que não presta” também tem horário: meia-noite. Meia-noite quando as famílias vão embora e observa-se a movimentação dos bêbados e dos jovens emaranhando seus corpos uns nos outros nos cantos escuros das ruas. É a hora da lotação nos pequenos bares. Hora também das brigas e confusões. Dos possíveis tiros (o taxista havia mostrado a marca deixada por um na fachada do bar). Mas que nem por isso espanta as centenas de pessoas que ali circulam a semana inteira. Mil territórios possíveis porque a geografia é só um suporte.

Habitar o espaço não significa aqui considerar o aparato urbanístico como uma máquina complexa de moradia, mas levar a sério os caminhos dos lugares vividos, as formas de vida e a centralidade do corpo como uma forma de existência e, portanto de habitar o social [...] A cidade, nesse sentido, deve ser pensada como uma variedade de lugares onde o ato existencial de práticas coletivas dá força e vigor ao imaginário urbano. (LA ROCCA, 2015, p. 180)

No mesmo bar em que encontrei a família com a qual mais delongamos a conversa por causa da generosidade com a qual nos acolheu, e cuja mulher apresentou a face de acolhimento pela proximidade com o outro que ali se encontrava, ocorreu uma situação que novamente revelava o jogo entre proximidade e distanciamento presentes. A família em questão era amiga dos artistas que iriam apresentar-se naquela noite e nos apresentaram ao grupo. De cara cometi uma gafe ao perguntar se eles eram um grupo de pagode, o rapaz responsável pelo grupo de pronto respondeu “não tocamos pagode, tocamos samba”. Naquele momento senti que iríamos adentrar num discurso sobre diferença.

---

O samba, e ele fez que questão de enfatizar, era um diferencial do grupo tendo em vistas que inúmeros artistas que montaram grupos em Nova Iguaçu optaram pelo pagode. Mas, conforme salientou o rapaz, nem todos sabem apreciar o som de qualidade. Ele estudava música e buscava se aperfeiçoar. Antes tocavam em outros bares do local, mas nestes tinham que se enveredar pelo pagode, pois é o que as pessoas queriam ouvir. Naquele ritmo e letras incessantemente reproduzidas nos meios de comunicação é que se reconheciam.

Janotti Junior (2015) ao discorrer sobre a questão da cultura pop declara que a classificação tanto serve para desqualificar como para afirmar sensibilidades cosmopolitas. Tanto o pagode como o forró agregaram sensibilidades e valores globais, mas que são reterritorializados em seus usos. Apesar de serem produtos de alta circulação, seus usos distintivos geram múltiplas possibilidades econômicas. Daí também entender que o que se passa nestes espaços, justamente os considerados dos menos “sociais”, também tem valor. A apreciação das sensibilidades globais aliacionadas, a identificação com o conteúdo das canções em detrimento da apreciação técnica de um “bom samba” operam distinções que são socialmente construídas, mas muitas vezes vistas como naturalizadas.

Na roda de samba, no pagode, no funk, no MPB ou simplesmente sentados na mesa dos bares que não tocam música, vemos os afetos e gostos materializados na atmosfera do local, na sua ambiência. Territórios sonoros, zonas de conforto construídas não só com os sons, mas com os corpos. Num panorama, um caos, mas um caos que revela a vivacidade do território, lembrando o que Didi-Huberman (2011, p. 19) destaca ao revelar na carta de Pasolini a comparação entre a vivacidade dos jovens aos vagalumes que se amam sem se importar com o mundo em sua volta, “continuam vivendo, preenchendo a noite com seus gritos”.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Mais do que um simples somatório de indivíduos, um território é construído a partir de redes locais que se estabelecem em seu bojo, da ocupação de seus espaços e das características que assume como consequências destas ações. Para Haesbaert (2004),

---

todo território possui uma dupla conotação, material e simbólica. Território tem relação com o poder tanto no sentido político quanto no sentido da apropriação, pois é um “espaço-tempo vivido”, experimentado por uma diversidade e multiplicidade de corpos que o transformam.

Os espaços são socialmente construídos a partir das múltiplas relações de poder que nele se estabelece: o Estado, as empresas e os diversos grupos sociais que os dividem. A territorialidade diz respeito ao modo como os territórios são utilizados e significados pelas pessoas que dele fazem parte. Podemos visualizar estas divisões em espaços de lazer como a Rua da Lama. A territorialidade é a dimensão simbólica ou identitária do território.

Embora a Baixada Fluminense seja negligenciada, ela não é composta por territórios mortos. Há uma vida pulsante de moradores que os transformam e recriam constantemente seus significados. As interações sociocomunicacionais que ali ocorrem, criam espaços de construção de identidade, de organização econômica, de difusão cultural, de solidariedade que merecem atenção. Por isso é importante a criação de estudos que desenhem “mapas” capazes de desvendar as territorialidades desta região muitas vezes invisível.

## REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**. vol. 1. Vol. 1. Rio de Janeiro. Editora 34, 1995.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

FERNANDES, Cíntia SanMartin. Corpos sensíveis na dinâmica urbana: interações e sentidos. In: SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira (Org.). **A construção Social das Emoções: corpo e construção de sentidos na comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

\_\_\_\_\_. Territorialidades cariocas: cultura de rua, sociabilidade e música nas "ruas galerias" do Rio de Janeiro. In: **Comunicações e Territorialidades: Rio de Janeiro em Cena**. Guararema, SP : Anadarco, 2012.

---

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HERSHMAN, Micael; FERNANDES, Cintia SanMartin. Potencial movente do espetáculo, da música e da espacialidade no Rio de Janeiro. In: RIBEIRO, Ana P. G.; FREIRE FILHO, João; HERSCHMANN, Micael. (orgs.) **Entretenimento, Felicidade e Memória: forças moventes do contemporâneo.** Rio de Janeiro: Anadarco, 2012.

JANOTTI JUNIOR, Jeder. Cultura Pop: Entre o popular e a distinção. In: SÁ, Simone Pereira; CARREIRO, Rodrigo; FERRAZ, Rogerio (Org.). **Cultura Pop.** Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2015.

LA ROCCA, Fabio. A encenação do corpo e suas formas expressivas na cidade. In: SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira (Org.). **A construção Social das Emoções: corpo e construção de sentidos na comunicação.** Porto Alegre: Sulina, 2015.

MAFFESOLI, Michel. **O Mistério da Conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade.** Porto Alegre: Sulina, 2005.

\_\_\_\_\_. **Elogio da Razão Sensível.** Petrópolis: Vozes, 1998.

OBICI, Giuliano. **Condição da escuta.** Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** 4. ed. 2.reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. Construção Social das emoções e produção de sentidos na comunicação. In: SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira (Org.). **A construção Social das Emoções: corpo e construção de sentidos na comunicação.** Porto Alegre: Sulina, 2015.

ROCHA, Natália de Andrade; FERNANDES, Cíntia SanMartin. Rua da Lama: espaço de entretenimento e celebração em Nova Iguaçu. XXXVIII **INTERCOM – Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.** Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, 04 a 07 de setembro de 2015.

ROCHA, Natália de Andrade. **Ser ou não ser: nova classe média, consumo e comunicação.** Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. PUC-Rio / CCS, 2013.